



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

15 de setembro de 2016

Campanha com a saúde onipresente em Joinville / Eleições 2016 / Prefeitura Municipal de Joinville / Carlito Merss / Darci de Matos / Marco Tebaldi / Rodrigo Bornholdt / Udo Döhler / Doutor Xuxo / Hospital-escola / UFSC / Curso de Medicina

NOTÍCIAS | ELEIÇÕES 2016

DIÁRIO CATARINENSE, 12
QUINTA-FEIRA,
15 DE SETEMBRO DE 2016

CAMPANHA COM A SAÚDE ONIPRESENTE EM JOINVILLE

A PRINCIPAL PAUTA da eleição para prefeito de Joinville é repeteco da eleição passada, problemas na saúde. A demanda é reflexo de filas para cirurgias, exames e consultas e chegou a ser politizada na atual gestão



UPIARA BOSCHI
upiara_boschi@diariocatarinense.com.br

Dois assuntos ganham destaque nas eleições para prefeito de Joinville. Em primeiro lugar, como nas campanhas anteriores, está a saúde, continuamente a maior preocupação dos joinvilenses. Depois, vem o debate sobre a gestão do prefeito Udo Döhler (PMDB), candidato à reeleição e alvo de um grupo tarimbado de adversários que incluem os ex-prefeitos Carlito Merss (PT) e Marco Tebaldi (PSDB), o deputado estadual Darci de Matos (PSD), o ex-vice-prefeito Rodrigo Bornholdt (PDT) e o médico José Aluizio Vieira, o Dr. Xuxo (PP).

A onipresença dos problemas da

saúde nas campanhas joinvilenses é explicada em pesquisas. Na última pesquisa Ibope, no final de agosto, 66% dos entrevistados na cidade apontavam que o tema deveria ser prioridade do próximo prefeito. Quando podia citar mais de um tema, incríveis 86% incluíram a saúde entre eles. Esses números são reflexo de filas para cirurgias, exames e consultas que têm sido queixas da cidade há mais de uma eleição. O tema chegou a ser politizado na atual gestão. A pedido do Ministério Público de Santa Catarina, a Câmara de Vereadores teve que votar a abertura de uma comissão processante contra Udo Döhler, acusado de descumprir decisões judiciais que envolviam gastos com saúde. O peemedebista conseguiu os votos para impedir o processo político,

mas não se livrou do desgast.

A gestão de Udo baliza a campanha, especialmente quando o tema é gestão pública e as promessas da campanha de 2012. Na época, o empresário viveu sua primeira experiência nas urnas contando com o apoio do falecido senador Luiz Henrique da Silveira (PMDB). Na prefeitura, viveu dificuldades financeiras que inviabilizaram promessas como a de pavimentar 300 quilômetros de ruas e construir uma ponte ligando os bairros Ademir Garcia e Boa Vista. Para a reeleição, Udo foca o discurso nas “mãos limpas” – o prefeito foi citado como “inocorrupível” em grampos do Gaeaco que investigava formação de cartel para controlar o preço de combustíveis em postos Joinville, em 2014.

Os principais franco-atiradores já sentaram na cadeira de prefeito. Antecessores do peemedebista, o petista Carlito Merss e o tucano Marco Tebaldi, hoje deputado federal, são os maiores críticos da atual gestão. Ambos buscam recuperar o legado de suas gestões – especialmente Carlito, que ficou fora do segundo turno em 2012, quando tentava a reeleição. Em tom mais ameno e propositivo, mas também de oposição, Darci de Matos tenta colar o nome às obras do governo do Estado na cidade – usando o governador Raimundo Colombo (PSD) como cabo eleitoral. Como apostas, surgem Dr. Xuxo e Rodrigo Bornholdt, que insinuam-se como novidades em meio a figuras carimbadas. Completam o quadro Ivan Rocha (PSOL) e Marcos Soares (PEN).

“Foi sistemática a desconstrução do partido”

ENTREVISTA



Tebaldi dizia que gastava 23% em saúde. O senhor passou gastando 34%. O Udo fala em 40%. Qual o problema da saúde, não tem solução?

Tem, uma saída para desafogar as filas é construir mais uma UPA. Isto nós fomos convencidos, ministério concordou, conselho municipal concordou e tínhamos conseguido já o dinheiro. É a polêmica da cidade hoje, lá no Vila Nova. Você não tem outra forma de reduzir as filas. Fazer atendimento de prevenção e ampliando lá os agentes comunitários. Postos, onde funcionar, funcionar de verdade. Quando eu assumi, tinha a UPA do Costa e Silva, depois a do Itaum. Banquei, fiz um esforço maluco para ter o Aventureiro. A cidade tendo na Zona Leste, Norte, Zona Sul, e fazendo na zona Oeste, tá pronto, se cobre. Acontece que isto também tem um custo. Quanto mais você fizer a prevenção, menos gente vai se instalar. Ape-

sar de que é uma luta contra a corrente. Ninguém está preocupado com a saúde, estão preocupados com a doença. Com a crise, pelo menos 34 mil joinvilenses perderam os planos de saúde.

Nas últimas oito eleições, o senhor foi candidato em sete. Não é um sinal de falta de renovação do PT?

Mas é de todos. PMDB, quem foi a liderança que o PMDB criou? Ou vai dizer que o Udo é do PMDB? Udo não é do PMDB. Os outros, PSD, Darci, PSDB? PSD é Kennedy e Darci. Não deixam criar nada. O PT está sendo destruído há 10 anos, desde 2005 com o papo do Mensalão. Foi sistemática a desconstrução do partido. Vereadores eleitos pela sigla se vendendo. É muito difícil manter coerência ideológica.



“A gente só se reorganiza e cresce na derrota”

ENTREVISTA



A grande preocupação dos joinvilenses é a saúde. O que fazer para resolver?

Investir em atenção básica. Temos má gestão na área da saúde. A começar pelos dirigentes da Secretaria da Saúde. Em três anos tivemos três secretários. Os últimos dois não são da área, nunca ouviram falar do SUS. Não tem equipe. Estamos no quarto presidente do hospital São José. Esse é o primeiro ponto fraco desta gestão. A prefeitura de Joinville, das seis maiores cidades do Estado, é o município que mais investe na saúde. Chapecó investe 26,58%. Florianópolis investe 18%. Blumenau investe 23%. Criciúma investe 31%. Jaraguá do Sul 27%. Joinville investe 41,4%. E a atual gesta coloca isso como mérito. Esta é a prova cabal de que a gestão é ruim. Ele está atuando praticamente em urgência e emergência. Chapecó tem 85% de cobertura de estratégia de saúde em família. Florianópolis tem 100%. Blumenau,

72%. Criciúma, 63%. Joinville, 41%. Quer dizer, está investindo 41% do orçamento e tem a menor cobertura em estratégia de saúde da família.

Em 2008 o senhor foi candidato e chegou no segundo turno.

Perdi para o Carlito porque aquele era um grande momento do PT. Mas levantei a cabeça, continuei trabalhando, me preparando. Estou mais experiente. A gente se reorganiza e cresce na derrota.

O senhor sempre foi aliado do ex-prefeito Tebaldi. Agora são adversários. Como é essa situação?

Natural. Para começar, sou o candidato que tem a menor rejeição. Não tenho inimigos na vida pessoal nem na política. Tenho adversários. Me relaciono bem com todos.



“A gente vai evoluindo, se voltar a ser prefeito vou ser diferente”

ENTREVISTA



O que acontece com a saúde em Joinville?

Tem pouco dinheiro, precisa ter mais dinheiro para a saúde. O maior erro do atual prefeito foi dizer que na saúde o problema não é dinheiro, é gestão. Lógico, gestão é em tudo. Mas falta dinheiro. Não dinheiro do município, mas dinheiro do governo federal. Hoje o governo federal investe menos do que já investiu.

Mas por que a situação parece ser mais difícil em Joinville do que em outras cidades do mesmo porte?

Todas as cidades regionais têm um problema. Atendemos muita gente da região, muita gente de fora. Florianópolis não tem nenhum hospital municipal. Se nós não tivéssemos a responsabilidade de administrar o São José, seria uma maravilha. Imagina você ter na conta uma sobra de R\$ 10 milhões por mês,

MARCO TEBALDI (PSDB)
VICE: MARILISA BOENM (PSDB)

que é o que o São José consome só da folha, imagina o que daria para fazer. E de todos os pacientes que atendemos no São José, 40% são de fora. Esse problema cada vez se agrava mais. E quanto mais você entende melhor, mais vai atrair gente.

O que o senhor deixou de fazer como prefeito que gostaria de fazer agora?

A gente vai evoluindo. Se eu voltar a ser prefeito, vou ser diferente. Já melhorei, mudei. Podemos evoluir na questão de educação. Quero implantar o ensino em tempo integral, acho que isso é um avanço grande. A questão da infraestrutura a gente pode evoluir também. Acho que o próximo prefeito terá de fazer um grande diálogo com a sociedade, reduzir a máquina pública.



Leia a entrevista completa com Marco Tebaldi
bit.ly/marco-tebaldi

“Sou oposição que reconhece acertos, mas condena falhas”

ENTREVISTA



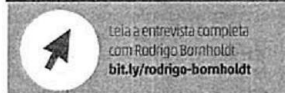
Como resolver os problemas da saúde em Joinville?

O prefeito é o grande maestro da cidade, desta orquestra. Para que uma coisa funcione, a outra tem que funcionar também. A gente pensa em várias medidas para aumentar a arrecadação. Eu acredito que a situação nacional também vai melhorar ao longo do tempo. E você tem, obviamente, medidas específicas ali. Uma que a gente pensa, embora seja de longo prazo, é a questão do São José. De transformarmos em um hospital-escola com a UFSC aqui. Com curso de medicina. Por isso falo que não pode ser só curso de engenharia, precisamos ter outras áreas aqui. E acho que Joinville é merecedora disso, até porque é um hospital que atende em toda a região. Ai você tem recursos para aplicar na saúde a partir da própria saúde. Aplicar em prevenção, por exemplo. Tem outras medi-

das que a gente vai estudar melhor. Tem a questão do prontuário único também.

Como o senhor se posiciona hoje?

Como oposição, claro. Nós ajudamos a eleger o prefeito, demos o vice-prefeito. Depois o vice-prefeito acabou sendo expulso do partido. Já quis sair do partido pelo jornal, sem nos avisar, quando ele tinha todo o espaço dentro do partido. O prefeito mal conversou com a gente durante a gestão, achamos a gestão fraca e deliberamos já no ano passado por deixar o governo. Naturalmente, nossa postura é de oposição. Uma oposição que, obviamente, reconhece quando tem acertos. Não é de uma oposição ranhenta, raivinha. Uma oposição que reconhece os acertos, mas condena as inúmeras falhas da gestão e se apresenta claramente como oposição.



Leia a entrevista completa com Rodrigo Bornholdt
bit.ly/rodrigo-bornholdt

“O clientelismo político continua, cada um pensando em si”

ENTREVISTA

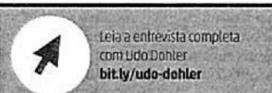


Há quatro anos o senhor disse que o problema da saúde é gestão. Está convencido de que não é só gestão?

Não. É gestão. Continua sendo gestão. Vou dar um exemplo. Se olharmos para Joinville, o que fizemos com a saúde? Se olharmos para o IDH, o IDH da saúde de Joinville é de 0,91, o melhor do Estado. A melhor saúde distribuída no Estado está aqui em Joinville, nem na Capital do Estado. Isto é gestão. O Hospital São José, que teve sua capacidade ampliada em 30% durante quatro anos, o fizemos logo no primeiro ano de governo. Dos nossos 58 postos de saúde, dos quais nenhum tinha licenciamento, nós licenciávamos, ou seja, reformamos e ampliamos 18 unidades das nossas 58. Até o final do ano serão 21, mas já temos um TAC para nesses próximos anos deixar todas essas unidades licenciadas. Isto é gestão.

O senhor usa muito o termo das mãos limpas, honestidade. É uma indireta aos adversários?

Não é uma indireta. O poder público apodreceu. Se não eliminarmos a corrupção, nada modifica. E essa é uma grande oportunidade de acabar com o clientelismo político. Não se pode aceitar que o político chegue de forma humilde, assuma um cargo, depois de algum tempo transforme seus poucos recursos em amealhados dos seus salários, que não são altos. Hoje, o maior empregado do país está preso. Se nós não atacarmos a corrupção de frente, isto não muda. O clientelismo político continua, cada um pensando em si e que se dane a cidade. Esse tem sido nosso compromisso, continua sendo. Não tivemos nenhuma licitação anulada, nenhum desvio de conduta.



Leia a entrevista completa com Udo Döhler
bit.ly/udo-dohler

“Se eu pudesse ser candidato sem partido, seria”

ENTREVISTA

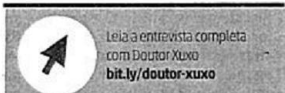


O senhor é médico e os joinvilenses consideram a saúde o maior problema da cidade. O que está errado?

Quando se faz sempre a mesma coisa, se obtém sempre os mesmos resultados. Temos que inovar. Inovar no tipo de atendimento. O que eu quero dizer? Se você tivesse agora um problema, um mal-estar, você iria sair correndo para o pronto-socorro ou passaria a mão no telefone e pensaria “quem é o médico, doutor que eu conheço, para me orientar?”. Seguramente, se você lembrasse de alguém, você telefonaria. E o médico te daria uma orientação. A primeira grande reclamação é a fila. Você vai às 3h para pegar uma senha e, quando dá 8h, são só 20 consultas. Esse é o grande problema. Vamos instalar o Saúde na Linha. É um grupo de médicos, acho que vai precisar em torno de 30 médicos. Serviços que já existem e que já fazem isso.

Como o senhor se define politicamente?

O país precisa de uma ampla reforma política porque os partidos não têm ideologia. A sigla partidária é uma obrigatoriedade para você ser candidato. Se eu pudesse ser candidato sem partido eu seria. Porque não dá para acreditar em partido nenhum. É a grande verdade. Como eu escolhi o PP? Pela moralidade nacional? Claro que não. O PP nacional é tão imoral quanto o PMDB, quanto o PT, qualquer outro deles. Não escolhi um pequeno partido porque os pequenos são todos de aluguel. Todos negociam sua sigla pelo tempo de televisão. Veja aqui em Joinville quem está preso a quem. Todos eles negociaram. Vão lotar o próximo governo, fora o que aconteceu durante a reeleição.



Leia a entrevista completa com Doutor Xuxo
bit.ly/doutor-xuxo

Notícias do Dia Cidade

"Florianópolis parou no tempo"

Florianópolis parou no tempo / Comcap / Lixo / Coleta seletiva / Diego Campos / PNRS / Política Nacional de Resíduos Sólidos / Sara Meireles / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Coleta mecanizada / Jaraguá do Sul / Recicla Jaraguá / Joinville / Caxias do Sul

8/9.Cidade

NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, QUINTA-FEIRA, 15 DE SETEMBRO DE 2016

ACOMPANHE NO ND
Série sobre a situação da Comcap

Amanhã
O que pensam os
candidatos

Fim de semana
O caminho do lixo

Florianópolis parou no tempo



BRUNO ROBELATO/ND

A Comcap é hoje uma empresa defasada, tanto em processos quanto em equipamentos, escorada na boa imagem junto ao público, adquirida pela qualidade dos serviços

FÁBIO BISPO

fabiobispo@noticiasodia.com.br

"Florianópolis está ficando atrasada. A cidade é baseada no turismo e tem condições de reverter esse quadro, que poderia até ser feito pela Comcap, mas falta vontade política para isso. O lixo é um dos problemas mais históricos de Florianópolis. Mesmo a coleta seletiva tendo grande abrangência, reciclamos pouco. Existe um grande gasto, mas não se tem efetividade", aponta Diego Campos, pesquisador na área de administração sobre gerenciamento de resíduos em Florianópolis.

Segundo Campos, o sucesso ou o fracasso de uma cidade no tratamento de seus resíduos não depende exclusivamente de um único setor ou de uma empresa, mas sim dos vários atores que estão envolvidos no processo de consumo, descarte, gerenciamento e destino final.

"A grande dificuldade é a articulação desses atores. O fato é que devemos consumir menos e reciclar mais. Não é só responsabilizar a indústria ou a empresa de coleta, essa é uma mudança que passa por todo o sistema", aponta. "Mesmo assim, vemos que existem poucas campanhas de conscientização, as pessoas não conhecem esse caminho do lixo e acabam não se importando. Lixo é dinheiro, é fonte de renda e precisa ser tratado de maneira que proporcione desenvolvimento econômico, social e ainda ser ambientalmente

responsável. As prefeituras pensam apenas o lado econômico do lixo", emenda.

Exemplo disso é que o município ainda engatinha para construção do Plano Municipal que é uma das exigências da PNRS (Política Nacional de Resíduos Sólidos), e não há nenhuma tratativa com os municípios da Grande Florianópolis para construção de um planejamento regionalizado: "A PNRS incentiva a formação de consórcios para elaboração dos planos municipais e regionais. Se os municípios formarem consórcios, isso também se reflete nas associações de catadores, que terão poder de venda muito maior", afirma Sara Meireles, pesquisadora e engenheira sanitária da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Alerta para a falta de investimentos, que torna a gestão dos resíduos mais cara, além de não contribuir para destinação adequada.

A engenheira sanitária compara a prestação do serviço em Florianópolis com o de outras cidades e aponta soluções que poderiam reduzir principalmente custos. "O município deveria implantar coletores maiores para grandes geradores, ao invés das lixeiras que demandam do trabalho de garis, pois isso é um dos fatores que encarecem o serviço", afirma Sara.

A Comcap utiliza coletores de 240 litros, que demandam garis para fazer o recolhimento. "Atualmente já existem coletores de mil litros e em algumas cidades de até 3.200 litros".

O vidro é um dos gargalos da reciclagem em todo o país. Em Florianópolis existem dez pontos de entrega voluntária

“

A situação é que estão colocando a Comcap no buraco e ninguém faz nada para tirar a empresa de lá, muito pelo contrário.”

Sara Meireles, engenheira sanitária e pesquisadora da UFSC

SANTA CATARINA

NOTÍCIAS DO DIA

FLORIANÓPOLIS

Custo da empresa

R\$ 137 milhões

TAXA RESIDENCIAL/COMERCIAL

R\$ 183 (3 X SEMANA) R\$ 360 (6 X SEMANA)

Funcionários

1.562

RECICLAGEM - 6,9%

HABITANTES - 461 MIL

Toneladas/ano

202.258

MIL/T

Coleta mecanizada reduz custos

■ Nos últimos seis anos, desde a aprovação da PNRS, algumas cidades têm se destacado pela forma como tratam o lixo, caso de Caxias do Sul, na Serra Gaúcha, e Jaraguá do Sul, no Norte de Santa Catarina.

Caxias do Sul é pioneira na coleta mecanizada. Tem orçamento anual em torno de R\$ 48 milhões para coleta e um contingente de 260 funcionários. A cidade chega a desviar 20% de material reciclado do aterro sanitário.

A coleta seletiva em Caxias do Sul não é novidade e existe desde 1991. Mas o grande salto aconteceu em 2007, quando a Codeca (Companhia de Desenvolvimento de Caxias do Sul), empresa de economia mista, espalhou os contêine-

res pelas ruas da cidade, dando início à mudança gradual do modelo de coleta porta a porta, como é o de Florianópolis atualmente.

"A coleta mecanizada trouxe uma série de benefícios à população. Com esse sistema, os moradores podem descartar o lixo a qualquer hora do dia ou da noite, sem se preocupar com o horário de coleta. Além disso, com o confinamento dos resíduos em contêineres, a cidade ficou mais limpa", aponta Paulo Balardim, presidente da companhia.

O sistema foi pensado em seis fases, e atualmente está em seu quarto estágio. Cada uma das etapas custou cerca de R\$ 9 milhões. A cidade conta com cerca de 1.950 pares de contêineres.



Caixas verdes e amarelas são usadas em Caxias do Sul para separar o lixo

OUTRAS CIDADES

Cidade	Custo da empresa	Taxa cobrada do usuário	Funcionários	Desviado do aterro e reciclagem	Habitantes	Toneladas ao ano
Jaraguá do Sul	R\$ 12 milhões	R\$ 188 (3 x semana) e R\$ 376 (6 x semana)	62	15,6%	163 mil	19.536 mil/t
Joinville	R\$ 44 milhões	248 (3 x semana) R\$ 322 (contêiner)	286	6%	560 mil	145.200 mil/t
Caxias do Sul (RS)	R\$ 48 milhões	R\$ 157 (porta a porta)	260	20%	475 mil	164.250 mil/t

*incluindo coleta e limpeza urbana

Joinville adotou modelo privado

■ Em Joinville, cidade com 560 mil habitantes, o serviço é privatizado desde 2002. O orçamento previsto para coleta em 2015 - incluindo varrição, capina, limpeza e reparos de bocas de lobo, limpeza de praças e pinturas de meio-fio - gira em torno de R\$ 44 milhões. São 286 funcionários e 194.599 imóveis atendidos que pagam TLU (Tarifa de Limpeza Urbana). O maior valor mensal é de R\$ 88,45, e o menor, R\$ 4,17. O valor médio é de R\$ 15,45/mês (considerando residencial, comercial e industrial que se enquadre na legislação).

A empresa responsável pelo serviço é a Ambiental Limpeza Urbana e Saneamento Ltda, que opera em nove municípios: Jaraguá do Sul, São José, Camboriú, Balneário Camboriú, Itajaí, Itapema, São Francisco do Sul e Indaial, além de Joinville.

A mais eficiente de Santa Catarina

■ Em Jaraguá do Sul, cidade com pouco mais de um terço da população de Florianópolis (163 mil habitantes), o serviço de coleta é terceirizado desde 1994. O custo para os cofres públicos chega a ser dez vezes menor que o da Capital, girando em torno de R\$ 12 milhões por ano. Mas o que mais chama a atenção na cidade da região norte são os índices de eficiência do

serviço. No ano passado, Jaraguá atingiu a marca de 407 toneladas de material reciclado por mês, chegando a 15,6% de reciclado do total recolhido na cidade, tornando-se a cidade que mais recicla no Estado.

Antes do modelo implantado por meio do programa Recicla Jaraguá, em dezembro de 2013, a cidade conseguia reciclar apenas 3% de todo o resíduo recolhido. E

desde a implantação do programa, o volume de reciclado desviado do aterro sanitário de Mafra não para de crescer. A expectativa do município é chegar a 30% nos próximos anos, alcançando ainda mais economia com o custo da destinação final. A coleta seletiva, incentivada por meio da distribuição de sacos verdes, gera emprego e renda para 150 catadores associados.

Enfoque Popular Geral

“Sesc celebra 70 anos com homenagem aos parceiros”

Sesc celebra 70 anos com homenagem aos parceiros / Prêmio Parceiro Sesc / Araranguá / Santa Catarina / Rafael Machado dos Santos / UFSC / Livro / Uma história feita de muitas

Sesc celebra 70 anos com homenagem aos parceiros



Cerimônia de entrega do “Prêmio Parceiro Sesc” marca o aniversário da Instituição, que aconteceu nesta terça-feira, dia 13, em 24 cidades catarinenses, entre elas Araranguá

Araranguá

Pioneirismo, diversidade, inovação, conhecimento, oportunidade, inclusão e transformação. Essas são algumas palavras que acompanham as ações desenvolvidas pelo Sesc ao longo de seus 70 anos. Para comemorar o septuagésimo aniversário, celebrado nesta terça-feira, dia 13, a Instituição preparou uma programação especial em Santa Catarina, com atividades nas Unidades, intervenções no comércio local, reconhecimento aos parceiros, e lançamento do livro “Uma história feita de

muitas”.

Em Araranguá, o dia 13 foi marcado por homenagens aos parceiros do SESC. No total foram sete homenageados nas seguintes categorias: Empresa Privada; Organização Pública; Entidade de Classe e Sindicato; e Organizações da Sociedade Civil / Terceiro Setor.

São instituições alinhadas à missão do Sesc, com um histórico de parceria, disseminadores da causa, comprometidos, disponíveis e abertos para receber nossos representantes e apoiar nossos projetos. “Trata-se de um reconhecimento direto a parte dos nossos grandes parceiros, que nos apoiam nas realizações de ações nas áreas de Educação, Saúde, Cultura, Lazer e Assistência, contribuindo para o crescimento do Sesc e para o



desenvolvimento local de cada cidade onde estamos inseridos”, disse o gerente do SESC Araranguá, Rafael Machado dos Santos.

Os homenageados de ontem, que são de grande importância para o Sesc, representam todos os parceiros da entidade na cidade.

Homenagens

Center Fábricas Administração de Imóveis S/A (Empresa Privada);

Supermercado Abimar (Empresa Privada);

Prefeitura Municipal de Araranguá (Organização Pública);

UFSC (Organização Pública);

SINCOVALE – Sindicato do Comércio Varejista Vale Araranguá (Entidade de Classe e Sindicato);

Casa da Fraternidade (Organizações da Sociedade

Civil / Terceiro Setor);

Rede Feminina de Combate ao Câncer (Organizações da Sociedade Civil / Terceiro Setor).

Livro

Outro momento muito especial será no dia 26 de setembro, quando acontece o lançamento estadual do livro “Uma história feita de muitas”, em celebração aos 70 anos, na capital catarinense. Com 234 páginas, a obra apresenta a trajetória da Instituição em Santa Catarina nessas sete décadas, acompanhada por fotos de época e linha do tempo com acontecimentos históricos de cada ano. Traz também depoimentos de clientes, traça um panorama do “Sesc Hoje” e destaca serviços e projetos nas áreas de atuação, por meio de grandes imagens e legendas

Notícias do Dia
Mário Medaglia
"UFSC olímpica"

UFSC olímpica / Luiz Carlos Cancellier de Olivo / Universidade Federal de Santa Catarina / Fabiana Bestrame / Florianópolis/ Olimpíada do Colégio de Aplicação / Secretaria de Esportes / Edison Roberto de Souza

UFSC olímpica

Com a posse do novo reitor, Luiz Carlos Cancellier, nossa Universidade Federal passou a ter mais espaço para eventos esportivos. No próximo sábado, por exemplo, a remadora olímpica manezinha Fabiana Beltrame estará em Florianópolis para participar da abertura da Olimpíada do Colégio de Aplicação. O evento é uma promoção da Secretaria de Esportes da UFSC, coordenada pelo professor Édison Roberto.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

[UFSC abre inscrições do Vestibular 2017](#)

[Vestibular UFSC 2017 está com as inscrições abertas](#)

[Professor Israel Boniek lança novo livro em Capinzal](#)

[Rochas em áreas de risco assustam moradores do Morro da Mariquinha em Florianópolis](#)

[Patrimônio de vereadores que buscam reeleição cresceu até seis vezes](#)

[Equipamento para coleta de vidro é instalado em frente à Federação das Indústrias, em Florianópolis](#)